

18º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA

26 A 29 DE JULHO, BRASÍLIA (DF)

GRUPO DE TRABALHO

GT 35 Juventudes, Velhices e Construções Identitárias.

TÍTULO DO TRABALHO

Gênero, Imagens e Velhices do Semiárido Piauiense.

Autora:

Maria Rosângela de Souza

Universidade Federal do Piauí - UFPI

GÊNERO, IMAGENS E VELHICES DO SEMIÁRIDO PIAUIENSE.

Maria Rosangela de Souza

Entre sertões: lugares para a velhice rural.

Eis que estou com alguns moradores do povoado Lagoa dos Félix, à sombra de um frondoso juazeiro centenário, localizado em um ponto alto, bem próximo à área da igreja e da escola, ao seu redor também há as casas de alguns moradores. E eles cuidam da árvore, escorando seus galhos que descem até o chão, cheios de flores e frutos, adubam e molham suas raízes regularmente. Sem dúvida, o juazeiro é uma referência para o povoado que, a primeira vista, estabelece um bonito diálogo com o meio ambiente, sua história e memória. Foi à sombra de juazeiro, e à frente do sol, que comecei a olhar as paisagens e topografias do Semiárido e a ouvir histórias vividas e sentidas pelos moradores e intercessores de uma pesquisa de doutorado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, tendo como orientador o Professor Doutor Antonio Cristian Saraiva Paiva. Tese defendida em agosto de 2013.

O desenrolar desta pesquisa envolve um rico e instigante trabalho de escuta, observações e anotações das histórias e memórias de pessoas, lugares e acontecimentos, entrelaçados através da convivência e sociabilidade que impulsionam o jeito peculiar de viver no Semiárido piauiense. Entre os sertões, foi possível encontrar pessoas de todas as idades, e entre estas, os idosos agricultores, homens e mulheres que trazem em seus corpos a escrita de suas histórias, suas lutas e seus sonhos. Assim, através de um olhar direcionado à velhice, mantenho meus ouvidos antenados, desejando perscrutar lentamente suas vozes e sentir através de suas retóricas, as razões e os sentidos de uma vida vinculada à terra. Contudo, ao olhar a situação de vida dos velhos rurais é possível também transitar por outras questões que pautam o cotidiano de uma comunidade rural. Questões relacionadas às transformações e redefinições do que tradicionalmente se convencionou representar em oposições entre cidade e campo (progresso/atraso; segurança/violência; moderno/tradição).

Essas oposições se apresentam obsoletas na atualidade, pois as diferenças que demarcavam o rural e o urbano no Brasil estão continuamente sendo revistas, uma vez que as fronteiras entre esses dois mundos se esvaem através da televisão, celular, internet, entre

outras invenções que fazem o rural abrigar situações e representações que, por definição, não se inseriam em épocas passadas ao seu modo de vida. Esse fenômeno não é algo tão recente, pois nos anos 1980, Eunice Durham, em seu texto *A caminho da cidade*, já expressava muito bem essa situação ao dizer que “a industrialização e urbanização significam a quebra de isolamento das comunidades tradicionais, a crise do sistema produtivo rural e da estrutura tradicional de autoridade, a negação dos velhos valores, a adoção de novos padrões de comportamentos.” (DURHAM,1980 p. 08).

Os efeitos dessas transformações ressoam com certa ambiguidade na vida dos agricultores idosos e de suas famílias, forçando-os a viverem em constante tensão entre as investidas do consumismo que, por um lado, chegam até eles como as facilidades do cartão de crédito, empréstimos bancários, as linhas de celulares, internet e, por outro, a convivência com situações de penúria e miséria, principalmente em épocas de estiagem e secas, onde falta o essencial como água potável e alimento para pessoas e animais. Assim, o mundo rural contemporâneo, abriga realidades que caracterizam essas dubiedades das sociedades pós-modernas e suas populações vivem no entremeio de fronteiras cada vez mais tênues entre o campo e a cidade. E ao estudar os modos de vida dos idosos rurais, não há outro caminho senão verificar como essas transformações, aliadas a outros fatores colaboram para ressignificar a velhice sertaneja de forma irremediável, tecendo uma diversidade de configurações dos modos de envelhecer que transitam entre o rural e o urbano, reterritorializando práticas, histórias, discursos e costumes, assim como seus sentidos e significados.

Eis porque considero fundamental ampliar a compreensão da realidade socialmente construída pelos diferentes atores que lidam diretamente com as tramas da velhice, quer seja na experimentação cotidiana das múltiplas formas de envelhecer ou na produção de discursos e debates desenvolvidos nas diferentes áreas do conhecimento, especialmente os novos diálogos produzidos no campo das Ciências Sociais por pensadores que confrontam e expressam o movimento das transformações sociais que delineiam a organização social e o trabalho nas comunidades rurais e urbanas no Brasil.

Revisitando os estudos de Martins (1981), observo que o autor configura as lutas sociais no campo, e destaca o lugar dos camponeses no processo político brasileiro, numa perspectiva histórica e social, ele lembra, que inicialmente o camponês brasileiro era insubmisso. Pois, resistia à dominação pessoal dos fazendeiros, manifestava-se contra a expropriação territorial efetuada por grandes proprietários, grileiros e da exploração econômica das grandes empresas capitalistas que se apropriavam do fruto do seu trabalho.

Através das ligas camponesas, Martins destaca que a partir dos anos 50 no Brasil, os camponeses de várias regiões se rebelaram contra a política econômica do Estado, exigindo reforma agrária e resistindo de vários modos a expulsões e despejos. Todavia, a luta por reforma agrária foi derrotada após o golpe militar de 64, e o período de 1965 a 1980, é marcado por um modelo de desenvolvimento capitalista que beneficiava os grandes proprietários e suas atividades de exportação, através do crédito rural, enquanto os pequenos agricultores eram perseguidos e expulsos de suas terras.

De fato, a história da agricultura no Brasil indica que o Estado sempre priorizou a grande produção voltada para exportação e, portanto o latifúndio, em detrimento dos agricultores familiares, pequenos produtores que ocupavam pequenas e médias propriedades, e que tradicionalmente produziam alimentos necessários à subsistência da família. Nesse sentido, a posição de Wanderley (1999) esclarece a dinâmica deste processo de desenvolvimento que teve início em 1930 e se consolidou na década de 70 e na atualidade, o pequeno produtor rural, ainda vive sob os efeitos desta armadilha imposta pela máquina capitalista. *“No Brasil a agricultura familiar sempre ocupou um lugar secundário e subalterno na sociedade brasileira. Quando comparado ao campesinato de outros países, foi historicamente um setor bloqueado, impossibilitado de desenvolver suas potencialidades, enquanto forma social específica de produção. (Wanderley, 1999 p. 38)”*.

Considerando esta resumida configuração histórica do espaço rural brasileiro, esclareço que o público privilegiado de minhas observações e análises no presente estudo são os pequenos proprietários rurais idosos, homens e mulheres trabalhadoras, que sobrevivem de suas pequenas produções, geralmente voltadas para a sobrevivência do seu núcleo familiar. Com efeito, destaco neste artigo os traços convergentes e divergentes que constituem os modos de viver e sentir a velhice em meio às disputas impostas pelas mudanças no jeito de encarar o processo de envelhecimento, tendo o corpo como ponto de referência, é perceptível que, também, na zona rural há vestígios do processo de ressignificação da velhice, que é uma marca dos grandes centros urbanos, onde prevalece a lógica do consumo. Como bem expressa Néstor Canclini (1998, p. 22), a modernização diminuiu o papel do culto e do popular tradicionais no conjunto do mercado simbólico, mas não os suprime. Há, segundo o autor, um redimensionamento que considera a lógica do mercado, no qual as coisas são redefinidas sobre condições relativamente semelhantes. Nos povoados encontramos objetos (equipamentos e tecnologias) que imaginamos ser do domínio das cidades, como parabólicas, internet, celulares, televisores digitais, computadores, etc. Nas cidades também, nos

deparamos com grandes plantações de hortas, carroças, animais nas ruas, ausência de saneamento e água potável em muitas casas, especialmente das periferias, etc.

Por outro lado, também é visível certa ambiguidade em relação ao conceito de velhice, principalmente quando se refere ao próprio sujeito que envelhece, em contraste aos outros que são nomeados de velhos. Há uma tendência para se “fazer” de indiferente ao próprio envelhecer, ou melhor, percebe-se a intenção de negar a própria velhice, embora na convivência com os outros, essa é uma realidade difícil de dissimular, mesmo quando se recorre aos recursos técnicos e estéticos, a percepção da velhice entre pessoas ligadas, sejam por laços de parentesco ou amizade, é algo latente que a qualquer momento ou subitamente pode se manifestar sem disfarces, embora com receios.

Cabe salientar que a forma como aqui abordamos a velhice sertaneja, de maneira alguma pretende ser absoluta ou homogênea, dada a diversidade de contextos encontráveis no campo e no sertão. Nesse sentido, tomamos o Semiárido piauiense não apenas como um espaço geográfico do território nordestino com suas ambiguidades, mas, como um território em que se inscrevem, social e culturalmente, experiências de ser/estar velhos, com suas diversidades e subjetividades. Assim, a presença do próprio agricultor e de seus familiares é fundamental para ampliar as visões que circulam nos discursos sobre o envelhecimento humano. Observando como os agricultores compreendem o próprio envelhecimento, como dialogam com os agentes de saúde e demais familiares, quando necessitam de acompanhamento ou cuidados com a saúde. Enfim, perceber as similitudes com os novos paradigmas e tendências que caracterizam o processo de envelhecimento rural a outros contextos da sociedade, inclusive os modos de envelhecer nos centros urbanos.

Apresento uma espécie de esboço dos traços que contornam essa composição tão peculiar à vida e ao corpo do sertanejo e que reflete olhares distintos de uma realidade que se refaz continuamente, tendo em vista as transformações que ocorrem nos contextos sociocultural, ambiental e tecnológico.

Corpo, gênero e velhice nas paisagens sertanejas.

Nesse território, destaco observações e reflexões que me parecem catalisadoras do movimento de ressignificação de vivências e saberes relativos ao envelhecimento humano, que bem sintonizam o ser velho nas sociedades rurais. Envelhecer no contexto do sertão nordestino, e particularmente no Semiárido piauiense, possibilita aos sujeitos experiências que foram cartografadas e mapeadas através de registros fotográficos, vídeos e, principalmente,

através das narrativas gravadas ou anotadas durante as entrevistas com homens e mulheres que possuem histórias e trajetórias de vidas misturadas com a terra e os seus fluxos extensivos. Os idosos gostam de trabalhar e contemplar suas plantações, de colher os frutos e de ver a família alimentada e com muita disposição para ajudar nos “afazeres” da casa e da roça. Alguns relacionam os problemas que enfrentam devido às condições de abandono e exclusão a que estão submetidos, devido à ausência do poder público em praticamente todos os setores: *A comunidade é grande, os médicos aqui são poucos para atender, se espera muito para ser consultado. A nossa aposentadoria é importante, mas o dinheiro é pouco e precisamos continuar trabalhar. E na roça só temos trabalho, comecei com a ”roçadeira”, o arado, facão e ainda hoje só conto com a enxada. Mesmo assim, aqui é um lugar bom de morar, temos tranquilidade e sossego. (Augusto, 66 anos – Lagoa dos Félix).*

Atenta às narrativas dos idosos, ao descreverem suas experiências, imagino que para avançar na escrita do cotidiano dos agricultores é sempre mais fácil falar das coisas visíveis e às vezes palpáveis ao olhar e ao sentir, falo das coisas que não se pode fugir ou negar. Assim, escolhi iniciar essa descrição registrando o modo de ser das pessoas com as quais entrei em contato durante as visitas nas comunidades, especialmente aquelas com quem tive oportunidade de conversar longamente em suas casas e registrar o modo como elas vivem no “interior” do Piauí. O morar, o trabalhar, o brincar, assim como, o jeito de vestir, de cozinhar, de comer, de socializar e outras situações que em algum momento me tocou pela convivência e observação durante a pesquisa de campo.

Observei casas simples e bem organizadas, o cuidado com a higiene e a limpeza faz parte da rotina das mulheres, poucos móveis e utensílios compõem a mobília das casas. Nas cozinhas prevalece o fogão à lenha ao lado do fogão a gás e grandes potes de barro para armazenar água. Observei que o costume de filtrar água é raro, embora algumas casas tenham filtros, quase não se bebe água filtrada, mas diretamente dos potes. Em todas as casas há uma dispensa, compartimento reservado para guardar os mantimentos que são comprados ou colhidos na roça e demais objetos que não são usados diariamente. Em sua maioria, os quintais são imensos, mas sempre com uma separação das roças, através de cercas de pedras ou madeiras, onde existem pequenos e grandes animais e aves (cavalos, jumentos, vacas, suínos, cachorros, galinhas, patos etc.). Muitas famílias plantam em seus quintais árvores frutíferas da região (mangueiras, cajueiros, umbuzeiros, laranjeiras etc.).

Visitei idosos com mais de 80 anos e, entre eles uma senhora 98 anos na Chapada dos Mocambos, lúcida e conversando muito, apenas com dificuldades de locomoção, é cuidada pelos familiares, e uma sobrinha fica direto com ela. Também um Senhor de 96 anos, que está

perdendo a visão, enxerga pouco, por isso quase não sai de casa, é cuidado por uma neta e a companheira dela. Elas não moram com ele, mas passam a manhã na casa dele, fazem o almoço e cuidam das tarefas domésticas e vai embora, e, a noite um filho vai dormir com ele. Em Angical dos Domingos também, encontrei um Senhor com 97 anos, este caminha, utilizando uma bengala, mas está apresentando os primeiros sinais de demência. A esposa com 80 anos cuida dele permanentemente, uma vez que ele ameaça fugir o tempo todo para a roça, ele imagina que a bengala é uma enxada. As filhas moram nas proximidades da casa dos pais e ajudam nos cuidados. Não foi possível entrevistas com eles, mas apenas observá-los superficialmente e constatar, através do diálogo com eles e familiares, que alguns já apresentam sintomas, próprios à idade avançada ou quando são portadores de demências como: perda de memória, pouca visão e audição, dificuldade para se expressar, pois repetem pequenas frases, vivem fazendo perguntas e não conseguem entender o que os outros lhes dizem. Entrei em contato com três idosos que apresentam esses sintomas, todos do sexo masculino e com mais de 90 anos, eles recebem os cuidados de suas mulheres, também idosas, dos filhos que moram perto, vizinhos e ainda da agente de saúde e em casos de emergência dos demais profissionais do Programa de Saúde da Família.

Conversei, também, com uma senhora de 98 anos, na Chapada dos Mocambos, embora com dificuldades de caminhar e necessitando de cuidados dos parentes e vizinhos, conversa com lucidez e tem uma memória afiada, como ela mesma define. Não se esqueceu de nada e ainda comanda sua casa, recebe visitas, conta histórias para crianças que a visitam. Ainda se alimenta com suas próprias mãos e diz o que deseja comer. Portanto, são mulheres e homens envelhecidos, ou envelhecendo em um contexto onde pouco se discute sobre a velhice e suas implicações. Fica evidente que a responsabilidade da família em relação aos seus idosos é algo esperado por todos da comunidade que apenas auxilia quando necessário.

Com efeito, observei que a assistência aos idosos portadores de demências ou outras doenças de alta complexidade, fica em sua totalidade, sob a responsabilidade de suas famílias ou vizinhos e a presença do Estado, nesses casos se resume à ida do agente de saúde em suas residências e somente quando é caso de urgência, fazem a condução desses para um hospital. Todo o suporte é providenciado pelos cuidadores, confirmando assim o movimento de reprivatização dos cuidados aos idosos na atualidade. Essa situação fica evidente, pois não somente os idosos são desassistidos em suas necessidades e cuidados com a saúde, mas toda a população rural, digo, as localidades por mim visitadas, são carentes de políticas públicas de saúde e o posto médico fica quase sempre sem a presença de médicos e enfermeiros

especializados para atender as necessidades e urgências da população idosa e demais usuários do sistema de saúde.

No presente artigo, embora o foco esteja voltado para o corpo envelhecido, não tem como deixar de tocar nos demais corpos historicamente produzidos e culturalmente incorporados aos modos de vida das diferentes gerações, pois embora distintos, eles se complementam, principalmente quando capturados para fins investigativos. Contudo, o desafio a que me proponho é simplesmente demonstrar os traços típicos e simbólicos que caracterizam os corpos dos agricultores idosos. Esses homens e mulheres concretos, que acordam bem cedo, ainda na madrugada, para olhar o sol nascer, tomar o seu cafezinho, colocar seu chapéu de palha para percorrer as veredas da roça e passar longas horas de trabalho árduo, mas prazeroso com a terra. Ao anoitecer, costumam ficar em casa com a família e amigos. Após o jantar é possível encontrá-los em suas calçadas, rodeados de parentes e vizinhos, conversando, cantando, contando prosas ou, simplesmente, contemplando as estrelas e o luar que brilham na escuridão, pois a energia elétrica na região é escassa, sem manutenção e poucos postes, com várias lâmpadas queimadas, estão sempre sem iluminação.

São trabalhadoras e trabalhadores anônimos, esquecidos pelos poderes públicos e pela sociedade. Muitos passam uma vida inteira, às vezes longa, podendo chegar aos 80, 90 ou 100 anos, sem que tenham conseguido uma vida digna e que corresponda ao suor que derramaram na lida diária com a terra, e na criação de suas gerações. A dignidade a que me refiro está bem expressa no artigo 9º do Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003: “É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade”. Penso que apesar do descaso e inoperância das políticas públicas, esses idosos reinventam para si formas diversas de lidar com seus corpos e de conduzir suas vidas. Frente aos desafios do cotidiano não se deixam enfraquecer, pelo contrário, são experimentadores e multiplicadores de práticas e saberes em relação aos cuidados com o corpo. Assim, verifiquei muitas vezes, a busca de remédios caseiros como chás, xaropes e alimentos, utilizados a partir de crenças coletivas para a cura de problemas de saúde. Os idosos são em sua maioria os legítimos guardiões de crenças e práticas populares de cura aqui também no Semiárido: *“Minha filha tem mania de querer me levar a médico, eu digo sempre que os remédios que ele receita eu já sei direitinho e nunca tem no posto, precisa comprar, por isso prefiro me cuidar com minhas cascas de pau e xaropes, aprendi tudo com minha avó, ela sabia lidar com as plantas, e quando ela fazia uma garrafada para alguém, era certeza, que a pessoa ficava curada em poucos dias. Além do remédio, ela rezava muito, tinha suas orações e povo dizia*

que eram poderosas. Por isso, vinha gente até de outras cidades, pedindo ajuda e ela cuidava sem pedir nada (Juraci – 69 anos)”.

São muitas as situações em que verifiquei a intervenção dos idosos para resolver problemas de saúde, seja em suas famílias ou nos povoados. Na casa onde me hospedei, constatei que a senhora é sempre requisitada para rezar em crianças pequenas. Ela o faz com ramos de vassourinha, sentada com a criança à sua frente e com muitos gestos. Ao final a criança está calma, às vezes dormindo nos braços da mãe. Ela conversa com a mãe, orienta a amamentação e às vezes banhos de eucalipto, alfazema e alecrim. Via que as mães saem confiantes. Ela me relatou que já ajudou na realização de partos. Nesse sentido, ficou claro que as experiências do adoecer e dos cuidados com o corpo ajudam a promover situações positivas, como as interações, cooperações e afetos nos momentos de desconforto, tensão e preocupação de familiares e amigos.

Outro aspecto, é o fato de que as mulheres idosas são as que mais se destacam no conhecimento e no cultivo de plantas medicinais da região. Muitas reservam uma pequena área em seus quintais, outras preferem cultivar em canteiros levantados do chão, por causa da criação de galinhas e animais domésticos. O certo é que nas residências que têm idosas, geralmente se encontra algum tipo de ervas, às vezes elas são desidratadas e conservadas em vidros. Observei o cultivo de erva-cidreira, capim-santo, babosa, mastruz, gengibre, hortelã, limoeiro, alecrim, endro, manjerição, boldo, folha santa, arruda, açafraão, chanana, cabacinha, entre outras e ainda uma variedade de verduras, como: cheiro verde, alface, couve, pimentão e cebolinha. As doenças mais comuns e que são tratadas com chás, xaropes ou garrafadas são: febres, vômitos, diarreias, má digestão, reumatismos, dores em geral, ferimentos, picadas de cobras ou insetos, coceiras, enxaqueca, dores de estomago, gripes, asma, sinusite, convulsão, torcicolo, cólicas menstruais etc. Além dessas que são cultivadas, existem uma grande variedade de árvores e plantas nativas¹ que são buscadas para cura de determinadas doenças: angico, aroeira, umburana, jurubeba, tucum, jenipapo, romã, juazeiro, goiabeira e carnaúba. Todas essas plantas possuem propriedades medicinais e são amplamente utilizadas pelos idosos em suas necessidades e cuidados de si e dos outros.

Assim, verifica-se que as mulheres assumem ao longo de suas vidas o papel de prevenir e cuidar das pessoas que adoecem na comunidade. É claro, que algumas se destacam mais que outras nessa função e são conhecidas, estimadas e requisitadas por todos. Elas podem ser denominadas de rezadeiras, raizeiras, benzedadeiras, curandeiras, feiticeiras,

¹ Sobre plantas nativas do Semiárido – ver o livro **Flores da Caatinga** de Antonio Sergio de Castro e Antonio Cavalcante – Instituto Nacional do Semiárido, Campinas Grande, 2010.

parteiras, mãe de leite etc. São codinomes que ora engrandecem sua condição, ora estigmatizam suas imagens, mas que as fazem distintas em situações que somente elas podem agir com a sabedoria e o conhecimento tradicional, quando o corpo reclama ou declina.

Muitos idosos nas comunidades rurais ainda são responsáveis pela manutenção e transmissão de conhecimentos, valores e crenças acumulados de geração em geração. Muitos conhecimentos e saberes são considerados como sagrados, pois congregam sabedoria e poderes que são compartilhados em momentos de festas ou de tristezas. Valorizam-se as tradições e as pessoas que as conservam, principalmente quando se tratam de práticas que podem melhorar a vida das pessoas. Nesse contexto, pode-se pensar ou supor uma velhice reconhecida e estimada por suas habilidades e agir coletivo. Uma velhice que corporifica simbolicamente diferentes esferas e etapas da vida e suas pulsões. Não se trata de uma valorização da velhice rural ou de tecer aqui uma visão ingênua e romântica do envelhecimento no campo, mas simplesmente, permitir que alguns comportamentos sobressaiam em detrimento de outros. Nesse caso, escolhi dar vazão a uma velhice representada e evocada minuciosamente por atos vinculados a pessoas concretas, destacando suas vivências e desejos, portanto, trata-se de configurar os agricultores e agricultoras através da dinâmica entre corpo e ambiente, proporcionando aos sujeitos movimentarem-se a partir de processos de subjetivação vivenciados pela coletividade rural em suas micro experiências.

Envelhecer é um acontecimento que atravessa todas as culturas e sociedades, é uma fase inerente à vida e ao existir humano. Todavia, deve ser tomado em seu caráter particular, pois cada pessoa envelhece segundo as peculiaridades de sua história de vida e de sua cultura. Nesse sentido, a velhice pode ser compreendida pelas singularidades que permeiam o curso de vida dos sujeitos, considerando, o processo de socialização e integração como componentes permanentes da ordem simbólica que orienta o cotidiano das pessoas em cada sociedade.

O corpo marcado pelas rugas, manchas, flacidez e cabelos brancos, confere ao sujeito uma história para contar. Nesse sentido, fica claro como a preocupação com a aparência está sempre presente, pois as linhas impressas e visíveis no rosto geralmente indicam aspectos da trajetória de vida das pessoas, como doenças, carências hábitos e costumes, vivenciados de forma singular pelos sujeitos ao longo de suas trajetórias. Assim, o corpo do idoso é singularizado pelas marcas corporais. Na velhice, embora as rugas sejam aparentemente semelhantes, são descritas e aceitas de forma diferenciada. Os cabelos brancos e as linhas no rosto de um homem que está envelhecendo ressoam positivamente, neles, cabelos grisalhos representam charme, beleza e maturidade, enquanto para as mulheres significa degradação física e baixa autoestima, podendo ser rotuladas como “descuidadas”, “desarrumadas” e “sem

gosto”. Quando perguntei aos idosos e as idosas rurais se tinham o costume de se olharem no espelho e que sentimentos / impressões eles tinham sobre seus corpos, muitos se manifestaram e destaco a fala de um senhor de 69 anos: *“Não costumo me olhar todos os dias, geralmente pego o espelho quando vou fazer a barba, mas só olho o rosto e vejo que mudei muito, mas não fico triste, sei que é assim mesmo, Deus faz as coisas bem feitas, imagine eu com 69 anos e tivesse uma cara de menino de 18 anos, ia ficar estranho, você não acha?”* (Guimarães – Lagoa dos Félix).

Enquanto suporte de significados, o corpo possibilita leituras diversas, expõe saberes e expressa como deve ser a estética adequada, o estilo desejado, a linguagem, os valores. Pensar o corpo envelhecido, exprimir e revelar a diversidade de signos que nele habitam requer uma nítida percepção dos aspectos culturais, sociais, psicológicos, econômicos e políticos que se articulam em cada agrupamento social, contribuindo, dessa forma, para a montagem dos corpos coletivos. Assim, o controle das subjetividades, a regulação das condutas e o mapeamento tecnológico, disciplinam o comportamento dos sujeitos e investem na construção de corpos dóceis e úteis, ao desenvolver as chamadas técnicas corporais. Para Marcel Mauss (1974), as técnicas corporais indicam o modo como os homens e as sociedades servem-se tradicionalmente de seus corpos. É no âmbito social que se delinea o formato ideal do corpo (considerando as categorias: gênero, idade, etnia, classe social etc.) em diferentes culturas.

Nesse contexto, é possível falar de uma geração gerontofóbica profundamente marcada por ambiguidades presentes em mitos, concepções e práticas, que de forma sutil colaboraram para erguer barreiras quase intransponíveis entre jovens e velhos. Esse caráter ambíguo se manifesta nas imagens da velhice representada pela impotência, decadência, atraso, intolerância e demência, em contraponto à juventude como potência, novidade e rebeldia, sinalizando ainda, beleza e fortaleza. Destacando-se a cultura ocidental, a socialização das crianças e jovens reforça a invenção de uma velhice estigmatizada, isso acontece quando por exemplo, desde cedo, os pais tentam acalmar seus filhos ameaçando que um velho poderá pegá-las. Com efeito, atualmente constrói-se um discurso ambíguo sobre o envelhecimento e sobre os velhos, prevalecendo imagens negativas do corpo envelhecido, ao lado de imagens de velhos potentes, ativos e atraentes. Todavia, em todas as modalidades difundidas e reproduzidas socialmente, há indícios de uma profunda rejeição às marcas da velhice, dificultando, assim, a convivência e aceitação do envelhecimento em todas as suas dimensões.

Nessa perspectiva, é possível pensar nas posturas e atitudes em relação aos idosos agricultores, considerando o desrespeito ou atenção a partir de suas marcas corporais. Ora, a

aparência física determina certos comportamentos e atitudes em relação ao outro. Tomando o corpo do idoso agricultor, com seus modos peculiares de vestir, falar, comer, enfim, formas distintas de seu comportamento inseridas num conjunto de percepções e etiquetas nem sempre aceitas de forma pacífica por outros segmentos da sociedade. Convém ressaltar que os velhos sertanejos que sobrevivem a esses estereótipos e que através de seu corpo veiculam significados e condutas que dá sentido à sua identidade rural, em oposição aos padrões culturais que circulam e caracterizam as chamadas sociedades de consumo. O corpo do idoso sertanejo é também produto de invenções, portanto um corpo que se movimenta, desfazendo-se ou refazendo-se conforme as intervenções e necessidades de cada época ou simplesmente, dependente das contingências ou situações em que as pessoas se encontrem.

A mídia através de imagens e discursos aciona representações e marcadores subjetivamente estabelecidos através das narrativas sociais e das práticas cotidianas que contribuem para a construção de um sertanejo caricaturado, ou seja, prevalecem, no imaginário popular sobre o homem da roça, imagens que o associam a traços grosseiros, rudes e desengonçados, com pés rachados, mãos calosas e cabelos ao vento. Esses marcadores corporais do sertanejo, reproduzidos e difundidos culturalmente possuem uma força simbólica imponderável na construção da identidade camponesa e em suas relações. E a aparência grotesca e inculta muitas vezes se apodera do corpo sertanejo, sem que esse detenha os códigos para exorcizar seus efeitos negativos, devido à sutileza de como são gerados. Em relação a esse aspecto, observei nos dias em que me hospedei entre eles, que os homens, especialmente os mais velhos, são os mais vulneráveis, pois geralmente se escondem das visitas, evitam sentar-se à mesa com pessoas estranhas e geralmente não gostam de sair para a cidade, a não ser para trabalhar.

Contudo, para além dessas predisposições e rótulos, existem, também, expressões calorosas e acolhedoras em relação ao estilo de vida simples e “natural” de convivência do homem com o meio ambiente em que reside e trabalha. No caso específico do agricultor e agricultora idosa, são muitas as manifestações de respeito e bem querer de seus familiares e amigos. No Brasil, merece destaque, o Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR), que instituiu o dia 15 de junho para ser o “Dia de Defesa e Fortalecimento da Pessoa Idosa Rural”. Nesse sentido, a Secretaria Nacional da Terceira Idade, deixa uma série de alertas à sociedade em geral quanto aos maus-tratos, fraudes e desrespeito sofridos pelos idosos brasileiros.

Os próprios idosos em muitos lugares se organizaram em grupos, clubes ou associações para garantirem direitos, assim como vivenciarem atividades ligadas à cultura e

ao lazer e a promoção e preservação de sua saúde física e mental. Estes acontecimentos possibilitaram aos grupos da terceira idade maior visibilidade, desencadeando interesses em diferentes setores, inclusive acadêmicos e científicos. Universidades públicas e privadas vêm desenvolvendo em suas instâncias de pesquisa e extensão programas de intervenção e atenção à pessoa idosa, assim como tem motivado pesquisas em todos os níveis. Vários programas de pós-graduação em diferentes universidades brasileiras possuem em suas linhas de pesquisa o estudo sobre o processo de envelhecimento, considerando todas as suas dimensões.

A tendência atual é demonstrar e convencer a todos, especialmente aos idosos que a melhor idade está entre àqueles que possuem 60 anos ou mais. Assim, propagandas, novelas, reportagens são produzidas com o objetivo de reproduzir ideias e imagens que traduzam o novo papel do idoso na sociedade pós-moderna. Os meios de comunicação social (TV, redes sociais, revistas, jornais e livros) se destacam, ao veicularem outras imagens da velhice, que destoam completamente daquelas reproduzidas durante décadas, onde as reportagens apresentavam os idosos como problema social, geralmente demandando despesas para o Estado e para as famílias.

Nesse sentido, a invenção da terceira idade exerce certa função simbólica na medida em que aciona imagens e discursos relacionados a outros ciclos da vida, principalmente ao evidenciar e configurar um estilo de vida associado à juventude. Esse processo de rejuvenescimento da velhice enfoca habilidades e competências numa perspectiva de rever estereótipos do envelhecimento, considerando as que as pessoas estão envelhecendo e permanecendo no mercado de trabalho. Muitos velhos, mesmo aposentados, continuam investindo em capacitação profissional, outras se ocupam em cuidar da saúde mental e corporal, dedicando tempo e dinheiro para atividades que o mantenha saudável, como academias, terapias, turismo, etc. Guita Debert (1996, p. 35) registra em seus estudos que “há um conjunto de discursos empenhados em rever estereótipos negativos da velhice, abrindo espaço para que experiências de envelhecimento bem-sucedidas possam ser vivenciadas coletivamente”. Segundo a autora, participam diretamente desse processo os profissionais da gerontologia, geriatria, demais especialistas no envelhecimento, os próprios idosos, que estão ocupando outros espaços de socialização e a mídia, ao abrir demandas para formação de novos mercados de consumo.

Esses discursos chegam de forma mais lenta nas comunidades rurais, e não é algo difundido somente através da mídia, os sindicatos rurais através da divulgação do Estatuto do Idoso, têm reunindo cada vez mais esse segmento, proporcionando momentos de capacitação e informação sobre direitos e cidadania do idoso no contexto da roça. Grupos têm se formado

seja patrocinados pelo poder público ou por setores ligados às religiões. É o caso da pastoral do idoso, presente na paróquia de Picos e que se estende às cidades e povoados da região. Registro, também, a existência de grupos de convivência em vários municípios do Semiárido, por exemplo: Simões, Oeiras e Francisco Santos, só para citar os que efetivei contatos, durante a pesquisa de campo. Nos povoados há grupos formados por relações de parentesco e amizade, que se reúnem em momentos festivos e ou motivados pelos sindicatos ou grupos religiosos. Os idosos estão sempre à frente destas organizações, especialmente as mulheres.

Na sociedade contemporânea é cada vez mais visível o surgimento de novos padrões de envelhecer, quase sempre antenados com as transformações tecnológicas, que bem caracterizam o século XXI. Nesse cenário de mudanças, os próprios idosos veem adotando, com bom senso, leveza e pitadas de humor, muitas destas “fórmulas” distribuídas nos diversos espaços em que frequentam: grupos de convivência, consultórios médicos, postos de saúde, escolas, igrejas, sindicatos, etc. Geralmente, tudo é repassado aos idosos, como dicas para uma velhice saudável e ativa, por isso, seus conteúdos são recheados de informações e imagens direcionadas à saúde corporal, alimentação, estética, beleza, moda, lazer e vida afetiva. Sutilmente e de forma dissimulada, se repassa a ideia de que cada pessoa é responsável por manter o corpo em movimento, um rosto atraente e uma mente produtiva.

Embora esse processo de ressignificação valorize de forma excessiva o corpo juvenil, pois associa padrões e valores interiorizados como propícios à população jovem, há um movimento constante de reapropriação do corpo e de suas potencialidades, por parte das pessoas envelhecidas, principalmente daquelas que participam de programas voltados para a terceira idade. Nesse sentido, observei principalmente nas mulheres idosas uma forte atração e até adaptação aos novos hábitos de conviver com a velhice. Verifiquei entre as mulheres idosas que se engajam nos grupos de convivências, uma tendência de maior aceitação da velhice, encaram como mais um acontecimento em suas vidas, na medida em que estão aprendendo a lidar com as mudanças que ocorrem em seus corpos, experimentam novas possibilidades de compartilhar sentimentos e afetos relacionados à velhice. Elas gostam de sair de casa e de se encontrar com outras mulheres e demais pessoas para conversar, brincar e trabalhar, muitas realizam trabalhos como voluntárias em suas comunidades.

Os discursos sobre envelhecimento são demarcados pela multiplicidade das falas, símbolos e crenças, cada vez mais, há uma dissociação entre idade cronológica e biológica em todos os setores. Quanto mais uma pessoa envelhece, mais vai se diferenciando, tendo em vista a aquisição ou perdas de potencialidades. Esse processo de mutação reúne uma diversidade de fatores que vão se constituindo ou desconstituindo em decorrência da

transitoriedade dos tempos, dos acontecimentos e das demandas sociais, que de uma forma ou de outra, impulsionam os indivíduos a experimentações ao que ainda não está fixado, potencializando às vezes mudanças estruturais, ou simplesmente, inovações no âmbito pessoal de lidar com seu próprio corpo.

Sem dúvida, é o corpo quem sinaliza em primeiríssima mão, os sinais dessa irremissível ruptura. Para Deleuze e Guattari (1999, p. 75), essa linha de ruptura “é atravessada por uma desterritorialização absoluta, tornando-nos como todo mundo, mas de uma maneira pela qual ninguém pode se tornar como todo mundo”. Assim, como enquadrar, emoldurar os corpos de mulheres, homens em determinados termos classificatórios sem que esses corpos não tenham canalizado suas existências para tais concepções? Ancião, velho, idoso, terceira idade, melhor idade; todas elas não escapam às leituras subjetivas do próprio envelhecer, por trás das classificações que são apenas abstrações, o que se tem de concreto é a potência de vida que cada pessoa foi capaz de traçar, criar e corporificar ao longo de sua existência.

Nesse contexto, não é estranho se pensar num devir-velho que vem se constituindo simultaneamente em decorrência das transformações que caracterizam as sociedades, seja no contexto urbano ou rural. Observando de perto os modos de vida dos idosos, nos centros urbanos e nas e espaços rurais é possível configurar a dinâmica das transformações que estão ocorrendo no âmbito do envelhecimento humano. Homens e mulheres estão experimentando a todo o momento a produção de devires e na instantaneidade de cada acontecimento emerge multiplicidades de velhices, corpos e desejos compatíveis com a volatilidade ostentada pela globalização da cultura.

Considerando essas questões, verifica-se no estilo de vida pautado para terceira idade urbana, certa aproximação com valores e padrões direcionados à população jovem. Com efeito, os velhos cidadãos são interpelados, convocados e convencidos a participarem de atividades e eventos quase sempre dirigidos às gerações mais jovens. Frequentar uma academia, pode não significar uma orientação médica ou um desejo, mas responder aos apelos de manter o corpo, nos padrões que a mídia configura como ideal. Usar determinadas roupas ou tecnologias, muitas vezes não se enquadra nos gostos dos usuários idosos, mas o que determina a moda, geralmente eles dizem: é preciso estar antenados com o que é moderno, referindo-se principalmente ao uso das tecnologias. Assim, os diversos espaços de convivência dos idosos, em constante expansão e difundidos pelas cidades funcionam como dispositivos de interação simbólica e, ao mesmo tempo representam uma máquina de produção de subjetividades, neles pode-se vislumbrar como os idosos estão se reapropriando

dos seus corpos e embora timidamente, construindo uma autopercepção da reviravolta que caracteriza a resignificação da velhice no contexto das sociedades, sendo estas complexas ou tradicionais.

Ao conversar sobre sexo com pessoas idosas, deve-se considerar que essas foram socializadas em um tempo em que as normas e regras morais e sexuais eram bastante rígidas, quando o controle sobre as condutas e os comportamentos das pessoas eram muito bem definidos pelas instituições, a começar pela família, seguida da escola. Aos olhos de todos, velhice não combina com atividade, movimentação festas, namoro e sexo. Quem imagina os avós e bisavós se apaixonando, namorando e fazendo sexo? Atualmente a exploração do universo sexual atravessa todos os campos da vida cotidiana e tem demarcado transformações nas relações pessoais e amorosas. Como os idosos do Semiárido piauiense vivenciam essas transformações? O que expressam em relação à sua própria intimidade? Quais sexualidades reivindicam para si? Como são retratadas as questões de gêneros? São questões que permitem certa mobilização dos sentidos, indicando a dinâmica que caracteriza o desenrolar das mudanças que estão ocorrendo, também, nesse cenário e que dificilmente darei conta neste estudo, abrindo assim, novas proposições de construção de saberes.

O século XXI sugere profundas transformações em diversos campos da vida e frequentemente se rompem as fronteiras do conhecimento em busca de compreender questões que emergem do cotidiano. Nesse contexto, outras configurações do corpo e da velhice começam a ser desenhadas e estampadas. E novas práticas vão tomando formas e dimensões que precisam ser debatidas e discutidas no âmbito científico e social, tendo em vista que as práticas sociais e culturais ao longo da história instituíram uma diversidade de discursos sobre a velhice. Retratar a velhice na cultura sertaneja faz parte, dessa tessitura de diálogos polifônicos que reúnem sujeitos, cenários e paisagens, no exato momento, em que homens e mulheres envelhecidas inventam para si possibilidades de lidar e cuidar de seus corpos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.

ALENCAR, Maria Tereza de et al. **Semiárido piauiense: educação e contexto**. Campina Grande: INSA / RESAB, 2010.

ALVES, Andréa Moraes. Os idosos, as redes sociais e as relações familiares. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2007.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro – Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2001.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Ed. USP, 1998

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____.:A antropologia e o estudo das categorias de idade. In: BARROS, Miryam M. Lins de. **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV, 2000.

DELEUZE, Gilles. **A lógica do sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.

_____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Edições 34, 1992.

_____.:GUATTARI, Félix. **Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, v. 01, 1995.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1984.

HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2007

PEIXOTO, Clarice E. **Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro**. São Paulo: Annablume, 2000.

PRIORE, Del Mary. **Histórias e conversas de mulher**. São PAULO: Planeta, 2013.

_____. (Org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2004.

ROSALDO, M. Z. & LAMPHEÉRE, L. (ORG.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, s/d.

ROSA, João Guimarães de. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.

WANDERLEY, Maria de Nazareth. Revista Eletrônica Coletiva. Fundaj. 2012.